

DESAFIOS AMBIENTAIS E FEMININOS EM *MARIA ALTAMIRA*: UMA ABORDAGEM ECOFEMINISTA

José Elias Pinheiro Neto ¹

Vanessa Flávia da Silva ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é ponderar sobre questões relacionadas à opressão das mulheres e a degradação ambiental. Para tanto, reconhece-se a importância do ecofeminismo no romance *Maria Altamira*, escrito por Maria José Silveira. Sob esse olhar teórico, delineia-se uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo. Nesse sentido, tem-se como referencial teórico pensadores tais como: Candido (2007); Eco (1988) e Ruether (1996). Um dos aspectos mais significativos do ecofeminismo em *Maria Altamira* é a ênfase na importância do cuidado com a natureza. A protagonista, ao se aproximar do povo indígena e sua ancestralidade, reforça sua ligação com o ambiente. Essa conexão é uma forma de resistência à exploração e à degradação do ambiente natural, reafirmando a interdependência entre os seres humanos e a natureza. Nesse sentido, o romance oferece uma avaliação crítica da sociedade contemporânea, com foco na construção da usina de Belo Monte, apontando para os impactos negativos do modelo de desenvolvimento baseado na exploração desenfreada dos recursos naturais e na opressão das mulheres.

Palavras-chave: Ecofeminismo, Ecologia, Natureza.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on issues related to the oppression of women and environmental degradation. To this end, we recognize the importance of ecofeminism in the novel *Maria Altamira*, written by Maria José Silveira. From this theoretical perspective, we outline bibliographic and qualitative research. The theoretical framework for this work is based on thinkers such as Candido (2007); Eco (1988); and Ruether (1996). One of the most significant aspects of ecofeminism in *Maria Altamira* is the emphasis on the importance of caring for nature. The protagonist, by connecting with the indigenous people and her ancestry, reinforces her connection with the environment. This connection is a form of resistance to the exploitation and degradation of the natural environment, reaffirming the interdependence between humans and nature. In this sense, the novel offers a critical assessment of contemporary society, focusing on the construction of the Belo Monte dam, highlighting the negative impacts of a development model based on the unbridled exploitation of natural resources and the oppression of women.

Keywords: Ecofeminism, Ecology, Nature.

INTRODUÇÃO

A escritora Maria José Rios Peixoto da Silveira Lindoso, nascida em 1947, na cidade de Jaraguá, estado de Goiás, é também tradutora e editora, escreveu os romances: *A Mãe da Mãe da Sua Mãe e Suas Filhas* (2002), *Eleanor Marx, Filha de Karl* (2002), *O Fantasma de Luis Buñel* (2004), *Guerra no Coração do Cerrado* (2006), *Com esse ódio e esse amor*

¹ Doutor pelo Programa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP, jose.pinheiro@ueg.br;

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI/UEG, vanessa.flavia2001@hotmail.com;



(2010), *Pauliceia de Mil Dentes* (2012), *Felizes Poucos* (2016), *Maria Altamira* (2020), *Aqui Neste Lugar* (2022), *Farejador de Águas* (2023) e *Céu Branco* (2024). No ano de 1980, em colaboração com Felipe Lindoso e o autor Márcio Souza, estabeleceu a Editora Marco Zero, nela desempenhou a função de diretora até 1998. Atualmente, reside em São Paulo e possui graduação em Comunicação pela Universidade de Brasília, UnB. E, ainda, é Antropóloga pela Universidad Mayor de San Marcos em Lima, Peru. Também possui mestrado em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo, USP.

Os temas que envolvem questões ambientais, a proteção dos animais e a luta das mulheres por justiça social, ao longo da história, despertam grande interesse e, atualmente, estes assuntos têm crescido com maior veemência. Dentro dessas perspectivas, surge o ‘ecofeminismo’, termo que emergiu nas décadas de 1970 e 1980 como um desdobramento do movimento feminista e do movimento ambientalista. Ele foi influenciado por várias correntes de pensamento, incluindo teorias feministas, críticas sociais e filosofias ambientais. E, nesta esteira, o romance *Maria Altamira*, de Maria José Silveira, revela-se como uma descoberta significativa para o estudo destes temas.

A narrativa tem início com o desastre ambiental de Yungay, no Peru, na década de 1970. Essa história traz à luz a trajetória de Alelí, que sofre a trágica perda de seus pais, parentes, namorado e até mesmo de sua pequena filhinha, todos soterrados por uma avalanche. Após esse evento devastador, Alelí embarca em uma jornada pelo continente sul-americano, ela viaja de carona com pessoas que cruzam seu caminho ou se esconde em ônibus de viagem. Depois de inúmeros percalços, chega ao Brasil, onde encontra Manuel, um nativo do povo Yudjá, conhecidos como os Juruna da Volta Grande do Xingu, radicados no Pará. Têm uma filha e a vida de Manuel é interrompida de forma trágica, vítima de madeireiros da região. Essa tragédia reforça a convicção de Alelí de que carrega consigo uma sombra de morte que afeta todos aqueles a quem ama.

Em meio a esse contexto, Alelí toma a difícil decisão de deixar sua filha aos cuidados da mãe Chica. Maria Altamira, como a menina é batizada, é criada com afeto e carinho. Com o passar dos anos, a personagem se vê confrontada por um novo desastre ambiental que altera sua vida, a de sua família, de indígenas e amigos: a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte.

A narrativa revela-se em uma leitura que explora as vidas de personagens marcadas por tragédias e desastres ambientais, destacando resiliência e força para enfrentarem circunstâncias adversas. Nesse contexto, esta pesquisa tem o objetivo explorar as interações entre a ecologia e o feminismo, por meio da análise literária do livro de Maria José Silveira.



Dentro desse escopo, o romance *Maria Altamira* é utilizado para abordar e compreender as relações entre a opressão das personagens femininas, que representam corpos oprimidos, e a consequente experiência vivenciada por elas, caminhando com a degradação do ambiente. Dessa maneira, esta pesquisa geográfico-literária visa examinar como as representações ficcionais influenciam e refletem as percepções sociais acerca das mulheres e da natureza. Considerando que a exploração e degradação do ambiente estão entrelaçadas com a opressão das mulheres, perpetuando os padrões culturais e estruturais subjacentes.

A relevância da pesquisa sobre ecofeminismo, especialmente na aproximação entre literatura e Geografia, pode contribuir para uma melhor compreensão das complexas relações entre gênero, ecologia, justiça social e ativismo. Podendo, também, inspirar a criação de novas narrativas literárias que abordam essas questões de maneira significativa e impactante.

METODOLOGIA

A pesquisa está desenvolvida pelo formato exploratório, qualitativo e descritivo, partindo de uma leitura inicial de *Maria Altamira*, com o intuito de uma avaliação primeira das possibilidades de exploração da temática voltada para a exploração do ambiente, especialmente pelos olhos de personagens femininas, representadas pela opressão que lhes atravessa durante suas lutas. Há também a visitação em pesquisadores que trabalham sobre o ecofeminismo para sustentação em referencial teórico sobre como o termo pode colaborar no processo de denúncia de degradação do ambiente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ecologia pode ser compreendida como o estudo das interações entre os seres vivos e o ambiente em que eles vivem, abrangendo uma ampla gama de tópicos relacionados à compreensão dos ecossistemas, dos processos naturais e das relações entre os organismos e o ambiente. A ecologia não se limita apenas à análise da natureza, mas também considera as interações humanas e suas consequências para o equilíbrio ecológico. Em vista disso,

[o] termo “ecologia” provém da ciência biológica dos sistemas ambientais naturais. A ecologia examina como essas comunidades naturais funcionam de modo a sustentar uma teia sadia de vida e como elas são rompidas, causando a morte de plantas e animais. A intervenção humana é a principal causa dessa ruptura da forma como ocorre na atualidade. Assim, a ecologia se popularizou nos anos 60 como um



estudo sócio-econômico e biológico combinado, com a finalidade de examinar como o uso da natureza pelos seres humanos está causando a poluição do solo, do ar e da água, a destruição dos sistemas naturais de vida de plantas e animais, ameaçando a base vital da qual depende a comunidade humana (Ruether, 1996, p. 129).

A ecologia é uma disciplina essencial para abordar os desafios ambientais e para garantir a saúde do planeta, propiciando compreender as complexas relações entre os seres vivos e o ambiente, destacando-se que é necessário “[...] examinar os padrões simbólicos, psicológicos e culturais pelos quais os seres humanos se distanciaram da natureza, negaram sua realidade de seres que fazem parte da natureza e pretenderam dominá-la a partir de fora” (Ruether, 1996, p. 129).

Dessa forma, é importante adotar práticas sustentáveis e promover a conservação dos recursos naturais. Ainda segundo Rosemary Radford Ruether (1996), a humanidade necessita transformar os vínculos antropocêntricos de fragmentação e subjugação em que se encontra, isso por meio da mudança psicocultural e espiritual. A ecologia não se limita apenas na análise da natureza, mas também considera as interações humanas e suas consequências para o equilíbrio ecológico.

Dito isso, o feminismo trata-se de um movimento social, político e cultural que busca a igualdade de gênero e a valorização das mulheres. Ele visa desafiar e combater as desigualdades históricas, sociais e institucionais entre os gêneros, bem como questionar os papéis tradicionais de gênero que muitas vezes limitam as oportunidades e liberdades das mulheres. O feminismo não é um movimento homogêneo e pode abranger várias perspectivas, teorias e abordagens:

O feminismo também é um movimento complexo com muitas camadas. Ele pode ser definido como um movimento existente dentro de sociedades democráticas liberais que visa a plena inclusão das mulheres nos direitos políticos e o acesso delas a oportunidades de emprego iguais. Pode ser definido mais radicalmente nos feminismos socialista e de libertação como uma transformação do sistema sócioeconômico patriarcal no qual a dominação das mulheres constitui o fundamento de todas as hierarquias sociais. O feminismo também pode ser estudado em termos de cultura e consciência, registrando a conexão simbólica, psicológica e cultural existente entre a definição das mulheres como seres inferiores em sentido mental, moral e físico e a monopolização do conhecimento e poder por parte dos homens (Ruether, 1996, p. 129).

O feminismo cresce ao longo do tempo, dando origem a várias correntes e abordagens, tais como: marxistas e radical. Cada uma dessas correntes enfatiza diferentes aspectos da luta pela igualdade de gênero e trabalha para abordar as complexidades das opressões enfrentadas pelas mulheres de maneiras diversas. Conforme indicado por Vandana Shiva e Maria Mies



(1993), as diversas manifestações de vida possuem uma interdependência no sentido de cooperação e cuidado recíproco.

Na década de 1970, O movimento feminista começou a questionar as estruturas patriarcais e a opressão sofrida pelas mulheres, nesse período começaram a explorar as conexões entre a subjugação feminina e a degradação ambiental. Depois, o termo ecofeminismo começou a ser usado com maior frequência, “as décadas seguintes foram marcadas pela agenda internacional e a continuidade do debate ecofeminismo.” (Bezerra, 2018, p. 72). Escritoras, como Vandana Shiva e Emma Siliprandi (2015), contribuíram para a formulação das teorias ecofeministas. Elas destacaram como a exploração das mulheres e da natureza compartilhava raízes comuns nas estruturas patriarcais e capitalistas.

Segundo Emma Siliprandi (2015), o movimento surge como forma de contestar modelos postos pelo sistema como a prioridade do desenvolvimentismo em contraponto à manutenção da vida. A relevância do ecofeminismo está em fornecer uma lente analítica que aborda as questões sociais e ambientais de forma integrada.

De acordo com Daniela Rosendo e Tânia Kuhnen (2021, p. 18), “[a] relação entre as categorias mulheres, natureza e animais é estabelecida a partir da compreensão de que diferentes formas de dominação, exploração e opressão estão interconectadas, de modo a reforçá-las mutuamente”. Em relação a isso, questiona-se como a exploração das mulheres frequentemente ocorre em paralelo com a exploração da natureza, apontando como ambos são produtos de um sistema que valoriza o poder e o domínio. Dessa forma,

a proposta de se trabalhar o feminismo com a ecologia é parte de um esforço que inclui o questionamento a todas as dimensões do atual modelo de desenvolvimento para reconstruir novas bases com respeito ao ecossistema e fortalecimento da igualdade entre homens e mulheres (Bezerra, 2018, p. 73).

O ecofeminismo é uma perspectiva teórica e movimento social que busca entender as interseções entre a opressão das mulheres, animais e a natureza, argumentando que essas formas de opressão estão entrelaçadas e enraizadas em estruturas patriarcais e capitalistas (Rosendo; Kuhnen, 2021). O termo advoga por uma visão integral e interconectada do mundo, enfatizando a necessidade de respeitar e cuidar tanto das comunidades humanas quanto do ambiente:

A proposta ecofeminista é a de juntar dois campos disciplinares diferentes: o ativismo ecológico e o feminismo. Dessa maneira, é uma filosofia que estabelece conexões entre a exploração desregada do ambiente e a opressão contra as mulheres. Mas não somente, pois as ligações de exploração e opressão extrapolam o campo das

“mulheres” e se estendem para as pessoas mais pobres e as pessoas racializadas pelo viés da colonialidade (Macedo, 2023, p. 16).

Em vista disso, o ecofeminismo é uma abordagem que busca compreender as relações complexas entre a opressão das mulheres e a degradação ambiental, tendo em vista “que há uma ligação entre a opressão e a exploração das mulheres, dos animais e da natureza” (Rosendo; Kuhnen, 2015, p. 17). Houve vários movimentos e iniciativas ecofeministas ao redor do mundo, cada um com foco em questões específicas de gênero, ambiente e justiça social, as estudiosas sobre o assunto compreendem “a conexão entre as diferentes formas de exploração e a importância de lutarem pelos territórios e bens comuns. Pode-se exemplificar com o Movimento Chipko, na Índia, e o *Green Belt Movement*, (Movimento Cinturão Verde) fundado pela queniana Wangari Maathai.” (Rosendo; Kuhnen, 2021, p. 21).

Assim, *Chipko Movement*, o Movimento de Chipko, também conhecido como o Movimento Abraço às Árvores, emergiu como um ícone de resistência e conscientização ambiental na Índia, na região do Himalaia, no início da década de 1970. O Chipko se tornou um paradigma de como a mobilização local pode se transformar em uma força poderosa capaz de desafiar políticas de exploração insustentável e desencadear mudanças significativas. O movimento recebeu seu nome a partir da palavra hindi, que significa abraçar e isso reflete diretamente a natureza simbólica e prática das ações dos ativistas.

Inicialmente, o Chipko surgiu como uma reação à degradação do ambiente e à exploração desenfreada das florestas pelas indústrias madeireiras e de construção. Mulheres locais, lideradas por figuras emblemáticas como Gaura Devi, começaram a se abraçar em árvores para impedir que fossem derrubadas. Essas ações não apenas chamaram a atenção para a devastação ambiental, mas também desencadearam um movimento mais amplo de resistência contra a destruição dos ecossistemas locais.

O Chipko transcendeu os limites de um movimento ambiental e se transformou em um movimento social e feminista, destacando uma ação vital das mulheres nas questões de conservação. As mulheres desempenharam um papel fundamental nas ações do Chipko, trazendo à tona a relação intrínseca entre o ambiente e a subsistência das comunidades locais. Essa participação foi também uma afirmação do poder das mulheres em um cenário dominado por normas patriarcais, e sua inclusão ativa deu origem a um movimento profundamente interseccional.

Além de seu impacto no cenário local, o Chipko também influenciou a formulação de políticas ambientais e o ativismo em nível global. A ênfase na participação comunitária, na



tomada de decisões relacionadas ao ambiente e na promoção de abordagens sustentáveis para o desenvolvimento, foi um legado duradouro do movimento. A mobilização em torno do Chipko demonstrou que as comunidades locais têm o direito e a capacidade de proteger e administrar seus recursos naturais.

O Movimento de Chipko também representa uma narrativa inspiradora de resistência não violenta e criativa. Ao adotar estratégias como o abraço às árvores, os ativistas demonstraram que a ação direta e a conscientização podem ser poderosas ferramentas de mudança social. Por intermédio do Chipko, as pessoas reconhecem a importância de se defender seus direitos e o ambiente, mesmo diante de adversidades e oposição.

O Movimento permanece como um exemplo atemporal de como a ação comunitária, a resistência não violenta e o engajamento interseccional podem convergir para criar mudanças sociais e ambientais significativas. Seu legado perdura como um lembrete de que os indivíduos e comunidades têm o poder de moldar o mundo ao seu redor, protegendo os recursos naturais para as gerações futuras.

Outro movimento que se pode exemplificar é o *Green Belt Movement*, o Movimento Cinturão Verde é uma iniciativa ambiental e social que surgiu no Quênia, liderada pela inspiradora figura de Wangari Maathai. Fundado em 1977, o movimento desempenhou um papel significativo na promoção da conservação ambiental, desenvolvimento sustentável e empoderamento das mulheres.

O nome do movimento simboliza seu objetivo principal, o plantio de árvores para combater o desmatamento e a degradação do solo. Reconhecendo a interconexão entre a saúde ambiental e o bem-estar humano, Wangari Maathai e seus colaboradores buscaram abordar não apenas questões ecológicas, mas também desafios sociais e econômicos enfrentados pelas comunidades rurais. Ao incentivar o plantio de árvores e a restauração de terras degradadas, o Movimento Cinturão Verde visa fornecer às comunidades múltiplos benefícios, incluindo melhoria da fertilidade do solo, aumento do acesso à água limpa e meios aprimorados de subsistência.

Uma das características mais distintivas do Movimento Cinturão Verde é seu foco no empoderamento das mulheres. O movimento reconheceu que as mulheres frequentemente sofrem com a degradação ambiental e são partes essenciais no desenvolvimento sustentável. Por meio de iniciativas de plantio de árvores, o movimento não apenas contribuiu para a reabilitação ambiental, mas também proporcionou às mulheres oportunidades de geração de renda, aumento de capital social e uma plataforma para defesa e liderança. À medida que as mulheres se tornaram participantes ativas no movimento, seus papéis se expandiram além das



responsabilidades tradicionais do lar, e elas conquistaram uma voz mais forte nos processos de tomada de decisão.

O impacto do Movimento Cinturão Verde se estendeu além da restauração ecológica. Ele provocou um movimento mais amplo em prol da democracia, direitos humanos e justiça social no Quênia. Diante da repressão política e da desigualdade econômica, o movimento demonstrou o poder da organização de base, resistência não violenta e ação coletiva. Conforme o movimento cresceu, ele defendeu a transparência, responsabilidade e engajamento do cidadão na governança, contribuindo para um cenário político mais aberto e participativo.

Internacionalmente, a influência do Movimento Cinturão Verde foi profunda. O compromisso de Wangari Maathai com a conservação ambiental e a justiça social lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz em 2004, tornando-a a primeira mulher africana a receber a premiação. Esse reconhecimento trouxe atenção global aos esforços do movimento e ampliou sua mensagem sobre a ligação inseparável entre sustentabilidade ambiental e paz.

O Movimento Cinturão Verde representa o potencial transformador das iniciativas de base na abordagem de desafios ambientais e sociais complexos. Através de sua abordagem para a conservação ambiental, desenvolvimento sustentável e empoderamento das mulheres, o movimento não apenas revitalizou ecossistemas, mas também capacitou indivíduos e comunidades a defender seus direitos e criar mudanças positivas.

No Brasil, também existem movimentos ecofeministas que trabalham para abordar as interseções entre questões de gênero, ambiente e justiça social, “um marco na defesa dos corpos e territórios” (Rosendo; Kuhnen, 2021, p. 31). A Marcha das Mulheres Indígenas teve sua primeira edição em 2019, é um movimento de mobilização social e política composto por mulheres pertencentes a diferentes grupos indígenas do Brasil. Esse movimento visa destacar as questões específicas enfrentadas pelas mulheres indígenas, ao mesmo tempo em que promove a conscientização sobre a interligação entre gênero, cultura, identidade e ambiente. A marcha é uma forma de resistência, visibilidade e empoderamento para essas mulheres, que frequentemente enfrentam desafios múltiplos devido à discriminação de gênero, ao racismo e à degradação ambiental.

A Marcha das Mulheres Indígenas tem como principal objetivo promover a visibilidade, em muitas vezes as vozes e experiências das mulheres indígenas são marginalizadas ou ignoradas. Busca-se dar visibilidade a essas mulheres, destacando suas histórias, lutas e contribuições para suas comunidades e para a sociedade como um todo. Busca-se, também, uma defesa dos direitos. As mulheres indígenas enfrentam desafios



específicos, incluindo a luta contra a violência de gênero, a perda de territórios e a preservação de suas culturas e tradições. A marcha é uma forma de defender seus direitos, destacar suas demandas e pressionar por políticas públicas que respeitem e promovam seus direitos humanos.

É também interesse da Marcha abordar questões ambientais, muitas comunidades indígenas têm uma relação profunda e ancestral com o ambiente, dependendo dos recursos naturais para sua subsistência e, bem como, promover a solidariedade. O movimento reúne mulheres indígenas de diferentes etnias, regiões e culturas, esse encontro fortalece os laços de solidariedade entre as comunidades, permitindo que elas compartilhem experiências, estratégias de resistência e aprendam umas com as outras. Por fim, chamar a atenção da sociedade e do governo para as questões enfrentadas pelas mulheres indígenas, por meio de protestos, manifestações culturais e outras atividades, elas conseguem atrair a mídia e a opinião pública, aumentando a conscientização sobre suas lutas.

A Marcha das Mulheres Indígenas é um movimento significativo que une mulheres indígenas em todo o Brasil para expressar suas demandas, denunciar injustiças e lutar por seus direitos, igualdade de gênero, preservação cultural e ambiental. Ela desempenha um papel crucial na conscientização da sociedade sobre as questões específicas enfrentadas pelas mulheres indígenas.

Outro movimento importante em terras brasileiras é a Marcha das Margaridas, é um movimento social e político que reúne mulheres trabalhadoras rurais do Brasil em uma mobilização massiva em busca de direitos, igualdade de gênero e justiça social. O nome *Margaridas* é uma homenagem a Margarida Alves, líder sindical rural assassinada em 1983, que dedicou sua vida à defesa dos direitos dos trabalhadores rurais no Nordeste do Brasil. A marcha ocorre a cada quatro anos em Brasília, a capital do país, e é uma das maiores manifestações de mulheres da América Latina.

A Marcha das Margaridas reúne mulheres de diversas origens e etnias, incluindo agricultoras familiares, camponesas, indígenas, quilombolas, extrativistas e outras trabalhadoras rurais. Seu principal objetivo é chamar a atenção para as questões que afetam as mulheres no campo, incluindo desigualdade de gênero, violência, acesso limitado a recursos e serviços básicos, discriminação, entre outros. Durante o movimento, as participantes reivindicam a implementação de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero no campo, a proteção dos direitos das mulheres, a melhoria das condições de trabalho e o acesso a serviços de saúde, educação e infraestrutura. Além disso, a marcha também destaca a



importância da preservação ambiental, uma vez que muitas mulheres rurais têm uma relação direta com a terra e os recursos naturais.

A Marcha das Margaridas se tornou um símbolo de resistência e empoderamento das mulheres rurais no Brasil. Ela proporciona visibilidade às questões específicas enfrentadas por essas mulheres, contribuindo para a conscientização da sociedade e para a pressão por mudanças positivas em políticas e práticas. A cada edição, milhares de mulheres se unem e expressam sua determinação em construir um futuro mais justo e igualitário para todas as mulheres que vivem e trabalham no campo.

Esses são apenas alguns exemplos dos muitos movimentos ecofeministas no Brasil. Eles demonstram como as mulheres estão na vanguarda da defesa do ambiente e da construção de um futuro pautado na convivência com a terra e na equidade entre os seres. Nesse sentido,

As lutas das ativas mulheres de Altamira e região contra a privatização e barragem do Rio Xingu em Belo Monte, contra a privatização da água na cidade de Manaus, no coração da Amazônia, pelo livre acesso aos babaçuais, especialmente na pioneira luta das bravas maranhenses, contra as florestas de monocultivo de eucalipto no Espírito Santo e Paraná, contra a pesca de arrastão no Ceará, e as muitas outras lutas em que quase sempre encontramos as mulheres à frente, nos chamaram para a necessidade de renovar as reflexões de modo a permitir a compreensão da essência de tais lutas (Rodriguez, 2013, p. 42).

Cada um desses grupos aborda questões específicas, mas todos compartilham o objetivo de promover a conscientização ambiental e, além de proteger o ambiente, lutar pela igualdade de gênero e justiça social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Maria Altamira, escrito por Maria José Silveira, é uma narrativa literária que aborda questões ambientais e sociais complexas por meio da jornada de suas personagens. A história de Maria Altamira e sua mãe Alelí apresenta uma conexão intrincada com os princípios do ecofeminismo, uma perspectiva que une as preocupações ambientais e os desafios enfrentados pelas mulheres. Como pode-se perceber no trecho:

Ruído jamais escutado, produzido pela onda rolando acima e pela terra rugindo e ondulando embaixo no terremoto de quarenta e cinco segundos que provocou o desprendimento de neve, lama e pedras do nevado Huascarán, formando a aluvião que desabou sobre Yungay. (Silveira, 2020, p. 19)



O ecofeminismo trata-se de um movimento que busca destacar as interconexões entre a opressão de gênero e a degradação ambiental, enfatizando como essas duas formas de exploração estão entrelaçadas. No contexto de *Maria Altamira*, a história dessas personagens demonstra elementos ecofeministas que se seguem:

A relação com a Terra e Natureza, tanto Alelí quanto Maria Altamira estão profundamente conectadas à terra e à natureza. Alelí perde sua família no desastre ambiental em Yungay, no Peru, ressaltando a vulnerabilidade humana diante das forças naturais. Essa experiência traumática poderia ser vista como uma representação da fragilidade das comunidades diante da exploração desenfreada da natureza. Maria Altamira, por sua vez, luta contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, que ameaça não apenas a sustentabilidade ambiental, mas também a forma de vida de comunidades indígenas e beiradeiras. “Pra trazer algum peixe, é preciso ir longe, Maria, por aqui só tem peixe doente. A vegetação apodrece debaixo da água e produz um tal gás metano. Num dá mais pra fonte de renda, às vezes nem pro sustento’ ” (Silveira, 2020, p. 197).

Igualdade e Empoderamento: A luta de Maria Altamira pela preservação de sua comunidade e pela justiça ambiental também ecoa os princípios ecofeministas. A construção da usina de Belo Monte, assim como muitos outros projetos de desenvolvimento, afeta de maneira desproporcional as mulheres, especialmente aquelas ligadas a comunidades tradicionais. Maria Altamira, ao enfrentar desafios como o estupro das mulheres e o assassinato de seu pai, e, posteriormente, buscar por justiça e preservação, demonstrando a resiliência e o empoderamento das mulheres em um cenário que envolve opressão de gênero e degradação ambiental. “[...] agora viramo também pesquisador - riram - Aprendemo a fazer monitoramento da qualidade da água, da navegação, da floresta, dos bicho, da nutrição e saúde da aldeia” (Silveira, 2020, p. 205).

Conexões entre Explorações, a narrativa de *Maria Altamira* abrange um período de tempo que abarca desastres ambientais em diferentes contextos geográficos e históricos. Esses eventos estão interligados, destacando como questões ambientais não reconhecem fronteiras. Essa ideia também se encaixa com a perspectiva ecofeminista de que a exploração da natureza e das mulheres é global e interconectada.

Nosso começo aqui poderia ser a morte da família de Alelí, seus pais, quatro irmãos, e Illa, sua filha de três anos, soterrados na própria casa como todos os outros habitantes da pequena cidade de Yungay, quando o pico do nevado Huascarán desmoronou depois de um terremoto em Ancash, vale da Cordilheira dos Andes, Peru, no ano de 1970. [...] Tragédia que tem suas semelhanças com o que os olhos de Maria Altamira, a outra única filha de Alelí, nascida dez anos depois na cidade da



qual leva o nome, veem agora, em 2017, do monomotor em que está: a expansão brutal das águas que afundaram a região onde foi construído o principal reservatório da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, nas águas do rio Xingu, no Pará (Silveira, 2020, p. 15).

Crítica ao Capitalismo, muitas correntes de ecofeminismo também criticam o sistema capitalista por promover a exploração tanto das mulheres quanto da natureza em busca de lucro, isso é ressaltado em *Maria Altamira*. “Não tem água suficiente para movimentar as turbina de Belo Monte e ao mesmo tempo manter a vida do rio, da floresta e a nossa” (Silveira, 2020, p. 205).

Respeito pela Diversidade, o ecofeminismo valoriza a diversidade de vozes e experiências, destacando como diferentes grupos sociais podem ser afetados de maneiras únicas pela opressão de gênero e pela degradação ambiental, como os povos originários destacados no romance.

Resistência e Solidariedade, a trajetória de Maria Altamira, sua mãe Alelí e outras personagens mostra a importância da resistência e da solidariedade em face das injustiças ambientais e de gênero. A busca por justiça, a luta contra a degradação ambiental e a defesa das comunidades indígenas demonstram o poder da união e da ação coletiva. “Tamo aqui resistindo. Todo dia. Toda hora, a bem dizer. É assim que vamo continuar” (Silveira, 2020, p. 206).

A trama de *Maria Altamira* oferece uma narrativa rica e, ao mesmo tempo, complexa que se alinha aos princípios do ecofeminismo ao explorar as interconexões entre exploração ambiental e opressão de gênero. Por intermédio das histórias de Alelí e Maria Altamira, a autora Maria José Silveira destaca as maneiras pelas quais essas questões se entrelaçam e afetam comunidades marginalizadas, enquanto também celebra a resistência e a luta por um mundo mais justo e sustentável.

Neste sentido, a literatura tem desempenhado um papel fundamental como veículo de conscientização ambiental e como meio de representação de questões de gênero, e isso é possível pois “[...] a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (Candido, 2007, p. 51). A ficção tem o poder de sensibilizar leitores para desafios e problemas do mundo real, estimulando reflexão, empatia e ação, assim, é necessário observar não somente o que está explícito no escrito, mas também “[...] do que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente



diante do texto e do processo de cooperação (no sentido de que depende da pergunta: ‘Que quero fazer com este texto?’)” (Eco, 1988, p. 49).

O romance *Maria Altamira* é um exemplo expressivo de como a literatura pode abordar questões complexas e interconectadas, como os impactos ambientais e as questões de gênero.

Nem reagia aos motoristas que a arrastavam para fora com brutalidade e a deixavam cheia de hematomas arroxeados. Tampouco aos homens, raros, que seguiam seu vulto cadavérico pelas ruas, se aproximavam e a arrastavam para o chão de terra onde a penetravam e muitas vezes davam-lhe socos, pontapés, sem que Alelí soltasse um gemido, um grito (Silveira, 2020, p. 22-23).

A literatura tem a capacidade de transmitir informações de maneira envolvente e emocional, utilizando-se de histórias e personagens marcantes, como as de Maria Altamira e sua mãe Alelí, a autora, no romance, explora as ramificações humanas dos desastres ambientais e das injustiças de gênero. Dentro disso, ao descrever a ligação entre os acontecimentos do dia a dia e o universo da ficção. Umberto Eco (1994, p. 89) escreve que:

Temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real.

Os leitores são convidados a se colocarem no lugar dessas personagens, a entender suas lutas e a vivenciar suas experiências. Isso cria uma conexão emocional que muitas vezes é mais eficaz do que a simples apresentação de fatos, o que se comprova nas palavras de Antonio Candido (2007, p. 63), “[n]este mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, - ao contrário do caos da vida - pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes”.

No caso de *Maria Altamira*, o romance abrange tanto o desastre ambiental em Yungay quanto a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, destacando a interconexão entre esses eventos separados pelo tempo e pelo espaço. Mediante às experiências de Maria Altamira e suas lutas em defesa de seu povo e do ambiente, os leitores são confrontados com as consequências devastadoras das ações humanas no ambiente e nas comunidades vulneráveis. “Jamais esqueceu aquela primeira vez que viu tanto indígena, tanta indignação, tanta vontade de se defender do perigo que se aproximava” (Silveira, 2020, p. 87).



Além disso, a literatura tem o poder de explorar as complexidades das questões de gênero, dando voz às experiências das mulheres e revelando as formas como elas são afetadas desproporcionalmente por desastres ambientais e projetos de desenvolvimento. A representação de personagens femininas, fortes e resilientes, contribui para desafiar os estereótipos e promover a conscientização sobre a importância da igualdade de gênero,

[...] houve o encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em que as mulheres Kayapó, guerreiras como são, indignadas com os discursos vazios, se ergueram, e Tuíra encostou a lâmina do seu facão no rosto do homem do governo, num gesto de advertência, Maria e seus amigos estavam lá rodando o tempo todo [...] (Silveira, 2020, p. 86).

A literatura também oferece espaço para a crítica e a análise das estruturas de poder que perpetuam a degradação ambiental e a opressão de gênero. Ao explorar as causas e consequências desses problemas, os autores podem instigar a reflexão sobre a responsabilidade coletiva e a necessidade de mudança. No caso de *Maria Altamira*, a resistência da protagonista à construção da usina e sua busca por justiça funcionam como uma crítica à exploração desenfreada do ambiente em detrimento das comunidades marginalizadas. E a ficção pode desempenhar um papel crucial na conscientização ambiental e na representação de gênero, pois permite que as vozes das comunidades afetadas sejam ouvidas, criando empatia e compreensão e desafiando as estruturas de poder postas.

O romance *Maria Altamira* exemplifica como uma história ficcional pode provocar mudanças de perspectiva, incitar ações que tornem as pessoas responsáveis para contribuir para um mundo mais justo e sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Maria Altamira*, de Maria José Silveira, revela-se como uma narrativa enraizada em questões socioambientais e, em particular, em reflexões ecofeministas. A jornada das personagens Maria Altamira e sua mãe Alelí ecoa os princípios dessa perspectiva, oferecendo uma narrativa rica em conexões entre a opressão de gênero e a degradação do ambiente. Por meio de suas histórias, o ecofeminismo encontra voz e os vínculos entre questões de gênero e ambientais são explorados de maneira intrincada e impactante.

A relação das protagonistas com a Terra e a Natureza emerge como um elemento central da narrativa, ressaltando a fragilidade humana diante das forças naturais. A tragédia de Alelí em Yungay, no Peru, demonstra de maneira vívida como a exploração indiscriminada da



natureza pode resultar em desastres que impactam não apenas o ambiente, mas também a vida das comunidades. Ao retratar a perda e a vulnerabilidade decorrentes desse desastre, o romance evoca uma reflexão sobre a relação complexa entre a exploração ambiental e suas consequências.

Além disso, a resistência de Maria Altamira à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte oferece uma representação concreta do enfrentamento das questões ecofeministas. A luta de Maria Altamira não se limita à defesa do ambiente, mas também questiona os sistemas de poder que subjagam e exploram tanto a natureza quanto as comunidades marginalizadas. A ameaça iminente à forma de vida das comunidades indígenas e beiradeiras revela como as preocupações ambientais estão indissociavelmente ligadas às vidas e culturas das mulheres, destacando a importância de um olhar cosmopolita.

Maria Altamira não se restringe a um discurso de opressão e degradação; ele também celebra a força, a resiliência e a solidariedade das mulheres. Tanto Alelí quanto Maria Altamira personificam a capacidade de enfrentar desafios com determinação, emprestando suas vozes a uma causa maior do que elas mesmas. Essa celebração feminina ressoa com os ideais ecofeministas, que reconhecem a importância das mulheres como agentes de mudança na proteção do ambiente. Destaca-se como um testemunho literário poderoso do entrelaçamento entre questões de gênero e ambientais.

Nesse contexto, por meio das vidas e lutas de suas personagens, o romance ilustra as maneiras pelas quais as opressões se entrelaçam e como a resistência pode surgir de um entendimento dessas interdependências. Maria José Silveira brinda o seu leitor com uma narrativa que não apenas o sensibiliza para os desafios enfrentados pelas mulheres e pela Natureza, mas também o inspira a buscar suas próprias ações, na luta por um mundo onde a harmonia entre gênero e ambiente seja uma realidade alcançável.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria da Conceição Dantas Moura. **Feminismo e agroecologia**: o sujeito político e avaliação do ATERmulheres no Rio Grande do Norte 2004-2016. 2018. 270f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25739> . Acesso em: 21 ago. 2023.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 11ª edição, 2007.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.



ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

KUHNEN, Tânia Aparecida. **Marcha das Margaridas**: apontamentos para um (eco) feminismo latino-americano. Revista Sul-Sul, 2020, pp. 124-147.

MACEDO, Fabiana Lula. **Cora Coralina**: uma leitura ecofeminista. 2023. 165f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/12904/3/Tese%20-%20Fabiana%20Lula%20Macedo%20-%202023.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MARIA José Silveira. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214362/maria-jose-silveira>. Acesso em: 20 de agosto de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SILVEIRA, Maria José. **Maria Altamira**. São Paulo: Editora Instante, 2020.

SILVEIRA, Maria José. **Invenções verdadeiras**. 19 fev. 2020. Blog de Maria José Silveira. Disponível em: <https://mariajosesilveira.wordpress.com/2020/02/19/como-surgiu-maria-altamira-meu-novo-romance/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MIES, Maria. SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

RODRIGUEZ, Graciela. Ecofeminismo: superando a dicotomia natureza/cultura. In: Rodriguez, G. (Coord.) **As mulheres na Rio +20**: diversas visões contribuindo ao debate (pp. 37-56). Rio de Janeiro: Instituto Equit, 2013.

ROSENDO, Daniela. KUHNEN, Tânia. Ecofeminismos. **Blog de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 16-40, 2021.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e do terceiro mundo. **Revista Estudos Teológicos**, 36(2):129-139, 1996. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/1754. Acesso em: 21 ago. 2023.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia**: transformando o campo, as floretas e as pessoas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.